



## Apresentação Pública do livro " A Feiticeira de Fonte Lima" do Dr. Abraão Vicente Ministro da Cultura e Industrias Criativas de Cabo Verde

Muito boa tarde a todos...

Quando algumas semanas atrás recebi o convite do Abraão para estar aqui nesta missão de vos apresentar esta FEITICEIRA, à minha cabeça saltou algo especial ... o significado do nome «ABRAÃO».

E então como contadeira de estórias, permitam-me fazer convosco o ritual «Estória, estória...»

Fortuna do céu ámen (resposta do publico)

- Era uma vez um nome ABRAÃO. Nome que sempre se impôs aos meus ouvidos enquanto criança. Na minha memória de infância revisito a Escola Dominical Evangélica, na Igreja do Nazareno em São Vicente, Cabo Verde.

A professora lê para mim e demais meninos no livro de Genesis – Cap.XI , Versículo 26 -« depois dos setenta anos de idade, Tera teve três filhos: Abrão, Naor, Haran» mais adiante o chamamento e migração de Abrão.

Cap. XII, Versículo 1 «O Senhor disse a Abrão: «deixa a tua terra, os teus parentes e a casa do teu pai e vai para a terra que eu te vou mostrar. Farei de ti um grande povo; hei- de abençoar-te e tornar-te famoso. O teu nome será uma bênção.

Hei- de, abençoar os que te abençoarem e amaldiçoar os que te amaldiçoarem. E através de ti serão abençoados todos os povos do mundo»

Abrão pôs-se a caminho tal como o Senhor lhe tinha ordenado.

- E foi-lhe dada a Terra de Canaã e então seu nome foi mudado de Abrão com um A, que significa Pai Excelente... para Abraão com 2 As que quer dizer Pai de uma multidão de nações (num á parte para o autor (« Olha o peso das tuas responsabilidades» )

E ...porque não há coincidências, leio há 4 dias atrás num Post no Facebook do nosso autor, com quem eu estava sem dúvidas mentalmente ligada:

- " No meu nome apenas aparecem os apelidos Fernandes Barbosa Vicente. Mas basta ir até aos meus bisavós para saber que também sou Lubrano, Napoleão, Landim, Souza, Cruz, Carvalho, Pinto e Abreu. Tudo isso e o que não sei.

O que escondemos na nossa genética, nas várias camadas de estórias que acumulamos, fazem de nós seres misteriosos e plenos de «sabedorias» que só ouvindo a nossa voz interior podemos revelar».

- Aqui mudam-se a agulha e o rumo do meu pensamento, porque este nosso autor, curioso também da constituição do seu próprio nome, ouvindo a sua voz interior e também como um ser pleno de «sabedorias» no seu próprio dizer, nos presenteia com esta «Feiticeira de Fonte Lima».

Se o ser humano, nós na nossa essência, somos o individuo mais a nossa memória de infância, é curioso como a narrativa do autor ao lado das imagens que a ilustram, nos convidam e levam a viajar também e com o menino Abraão, que enquanto acompanhava a avó Nenezinha, queria ser bate-chapas, sonhando construir carros bonitos e velozes. Confidenciou-me...

Esta narrativa é toda ela molhada e abençoada por um certo elemento sagrado e desejado por cada caboverdeano, mórmente nas ilhas. A CHUVA! A chuva, musa inspiradora de tantos poetas, músicos, compositores e começam a vir à minha mente...

Amílcar Cabral... «Venha mamãe velha / Venha ouvir comigo o bater da chuva lá no seu portão/é um bater de amigo que bate dentro do meu coração».

Paulilo Vieira... Tema «Ti Jon Poca" Tchuva de Setembro é um ' speranza...»

Tété Alhinho...« Dia que tchuva bem / m'ta bem b'scobe pa nô bem dançá»

Biuss ... « M' crê lembrá quel bonhe de tchuva na quintal»

Humberto Ramos... « M' tem ovide notícia de terra / És dzê'm m'agora tchuva bem/ que até barragem já's jazê/ E c'mida já ca ê problema»

Kiki lima ... « Tchuva desliza ca bô feji/ Escorrê na nha corpe dá'm esse prazer m'ta pedi'b / Saciá'm esse sede devagarim/ M'tem sede de tchuva/ M'tem sede de tchuva»

Ovídio Martins...CHUVA EM CABO VERDE

Choveu/Festa na terra/Festa nas Ilhas/Soluçam os violinos choram os violões/nos dedos rápidos dos tocadores/ «Dança Morena/dança mulata/menininha sabe como vocês não têm» / E elas sabinhas/dão co'as cadeiras/ dão co'as cadeiras/ Choveu/ Festa na terra/ Festa nas ilhas/Já tem milho pa cachupa/já tem milho pa cuscus/Nas ruas nos terreiros/por toda banda/as mornas unem os pares/as mornas unem os pares/no bailes nacionais/Mornas e sambas/mornas e marchas/mornas mornadas/ Choveu/Festa na terra/Festa nas Ilhas/que antam e dançam / e riem e choram de contentamento/Soluçam os violinos choram os violões/nos dedos rápidos dos tocadores/ «Dança morena/dança mulata/menininha sabe como vocês não têm» / E elas sabinhas/dão co'as cadeiras/dão co'as cadeiras, dão co'as cadeiras.

Todo o imaginário do autor passeia pelo mundo do fantástico do Arquipélago. Para Abraão Vicente há uma ama Yáyá, a ama que conta estórias, e para uma menina Celina

e seus Irmãos uma Ti Júlia, grande contadeira que até dialogava com o seu gato Xana- Xaninha.

A mente voa e revejo um punhado de meninas e meninos de olhos grilidos e aconchegando-se para afastar o medo, quando era a vez das feiticeiras com os rabos que se acendiam, gongons, canilinhas, serenas/sereias encantadas. Tudo já era mais pacífico à chegada da Branca Flor, Ti Lobo, Chibinho e Ti Ganga, e do herói Blimundo que inebriado pela canção e voz do menino do cavaquinho, pensando na sua amada Codêzinha , ao engano retorna ao palácio do Senhor Rei.

Na família nuclear do autor há um colectivo de 8 irmãos, e aqui as crianças que partem à descoberta da casa da feiticeira Nha Bichencha, estão em grande grupo; são muitas, e pela habilidade artística do ilustrador, é tanto o movimento que até ouvimos as suas gargalhas e vozes cantando ...« Pirolite que bate,que bate/ Pirolite que já bateu/ quem gosta de mim é ela/quem gosta dela sou eu/Q'onde mim era nove/ mim era flor de pô na peite/agora mim é bêdje/mim é bassoura de barrê quintal»

...« Sapatinho delicâ,licâ ,licâ /sapatinho delicâ,licâ,licâ/ odjo pá céu olá'l,olá'l»

(Pags. 10 e 12)

A chuva que caí de grávidas nuvens também se ouve. Molha as crianças, mas reparem de onde se escapam as gotas? Dos buracos dos Binds (de cuscus) tradicionais de Fonte Lima.

Todo o percurso até à casa de Nha Bichencha é uma chamada de atenção aos incautos para algo URGENTE. O contacto das nossas crianças com a mãe Natureza (pag.18).

Elas descobrem um pé de caju, uma mangueira rosa, uma roseira de rosas brancas, um pé de romã, símbolo milenar do amor e da fertilidade, e um limoeiro cheio de limões vistosos. Beeeeeem até viram passarinhos azuis e um bando de tchotas (pardais).

Criado o suspense necessário à descoberta do esconderijo da velha feiticeira de quem todos tinham referências de assustar, eis que se deparam (pag.25) com uma mulher que os convida a entrar; ela tem gargalhadas musicais, e o seu sorriso até iluminava a sala em que se encontravam.

Para mim tudo o que se congrega em Nha Bichencha, com todo o seu saber, é uma ode e preito de homenagem à MULHER CABOVERDEANA, em termos globais. Ela é a guardiã de saberes ancestrais, independentemente do seu chão de proveniência; é ela que passa o testemunho das tradições, e no seu percurso de vida tanto serve um belo chá de hortelã acompanhado de bolos de mel, ensina a moldar o barro para o binde de cúscús, ensina a cantarolar um batuco, e tudo o que deve fazer parte do aprendizado referente à essência dos componentes da nossa identidade e ou identidades. Partes integrantes de um património a preservar.

Todas as experiências vividas, por essa menina de Fonte Lima fez esvair o grande mistério sobre a tal feiticeira de quem os pais contam estórias de encantar.

Parafraseando o autor «Hoje é dia de vencer os medos e descobrir que os limites são para ultrapassar e fica o desafio...junta-te à Maria ao Bruno, ao Baluka à Ivone, à Analina e ao Chico na descoberta do lugar de NHA Bichencha, a feiticeira que tem muito para lhes ensinar». E a escrita aqui é simples, envolvente e poética.

Uma palavra de apreço ao artista / ilustrador Pedro Brito, que com seus traços e cores também de mestiçagem aliados á narrativa presente nos faz também correr ao lado dessa meninada, ouvir a chuva cair, e quiçá escutar os seus cochichos e cantigas.

Entrando neste universo criado por Abraão Vicente, penso em Luís Romano. Caboverdiano, escritor, poeta, intelectual de fina escrita e no seu «Cabo Verde Renascença de uma Civilização no Atlântico Médio», em que à boa maneira dos etnólogos mais exigentes, recolhe bases da nossa memória colectiva e atrevo-me a dizer: «Não há Sampadjudos nem Bádios! Não há Bádios nem Sampadjudos! há CABOVERDENAOS, ligados indelevelmente pela riqueza e diversidade da sua CULTURA»

Para terminar a minha estória, se estivesse em Barlavento diria «Agora má grande ta bá panhá/má piquenin/ta bá cercá...»

E em Sotavento «Sapatinho rubera riba, sapatinho rubera baxo...quem qui sabê más ta conta midjor.»

MUITO OBRIGADA

Celina Pereira

Lisboa, 15 de Maio de 2017